

O púbere em que circula o sangue do exílio e de Um pai

Philippe Lacadée*

Tradução: Antônio Teixeira

Resumo: O presente artigo pretende discutir o estatuto da adolescência na contemporaneidade, se valendo para tal de algumas divisas depreendidas da poesia de Arthur Rimbaud, bem como da análise de casos clínicos. Desenvolve-se a hipótese de que a dita “crise da adolescência” se apresenta, em nossos dias, como “uma crise da língua articulada ao Outro”.

Palavras-chave: adolescência; exílio; Rimbaud; função paterna

The pubescent in which flows the blood of the exile and of an *un Père*

Abstract: The present article intends to discuss the statute of adolescence in the contemporaneity, making use for that matter of some mottos extracted from Arthur Rimbaud’s poetry, as well as of an analysis of clinical cases. The hypothesis according to which the so called “adolescence crisis” presents itself, nowadays, as “a crisis of the language articulated to the Other” will be developed.

Keywords: adolescence; exile; Rimbaud; paternal function

Nesse período de avaliação, a frase do poeta Arthur Rimbaud (RIMBAUD, 1991, p. 282) traduz o paradoxo da “mais delicada das transições”¹ que é a adolescência, da qual se fala em termos de crises da adolescência ou de distúrbios do comportamento, e que proponho abordar nos dias de hoje como “uma crise da língua

* Coordenador do Centro Interdisciplinar da Criança da Associação Mundial de Psicanálise, Paris – França. Autor de *O despertar e o exílio* (Ed. Cecile Defaut, 2007), dentre outros; e-mail: phlacadee@wanadoo.fr

¹ VICTOR HUGO *apud* STEVENS, A. (2001) “Sorties de l’adolescence”, in *La Petite Girafe*, n° 13: “Elle avait cette grâce fugitive de l’allure qui marque la plus délicate des transitions de l’adolescence, les deux crépuscules mêlés, le commencement d’une femme dans la fin d’une enfant”.

articulada ao Outro”². Esse paradoxo se deduz da colocação em laço e em tensão do exílio, sustentado por isso que leva o adolescente ao alhures, à “vraivie” (ZWEIG, 1991, p. 188), e à dimensão de Um pai, ponto de fundamento do pertencimento a um laço simbólico sobre o qual se edifica a família.

O enunciado de Rimbaud interessa ao discurso analítico

Com efeito, ele ilustra a colocação em função do pai como Um pai do qual Freud nos ensinou derivar da invenção do sujeito, desde que alguém se manifeste para por ele responder. Se Freud articula que é o nome que essencialmente implica a Lei, não esqueçamos que, em nosso discurso, o pai não é desde sempre senão referencial, ou seja um termo da interpretação analítica ao qual o sujeito se refere. Lacan precisa que o Nome do Pai, enquanto significante mestre, é o produto do discurso analítico. Rimbaud, por sua vez, refere o púbere ao exílio e a um pai, precisamente ali aonde Freud mostra que o Édipo, para não correr o risco de atacar seu pai, exila-se.

Freud constata que a tarefa mais necessária e dolorosa de seu desenvolvimento, para o adolescente, é a de se emancipar da autoridade parental³. Essa autoridade não estando mais no mesmo lugar nem tão eficiente, não se torna hoje em dia cada vez mais difícil, como no-lo demonstrarão Alice e Lúcia, destacar-se do que não está ali mais ou não constitui mais autoridade do mesmo modo e se traduz por novos sintomas ou novas práticas de ruptura? Se é importante interessar-se por suas invenções, cabe-nos também saber o que podemos inventar e em qual lugar, para acompanhar melhor certos adolescentes nesse momento de “estranho sofrimento” (RIMBAUD, 1991, p. 175). Colocar-se do lado de uma autoridade autoritária ou querer corrigir os comportamentos adaptando-os às normas preestabelecidas não é necessariamente o meio mais oportuno e mais eficaz, visto que esse momento lógico implica a necessidade de se destacar da autoridade parental ou de inventar uma resposta diante de sua ausência.

² LACADÉE, P. (2007b) “Des adolescents au collège pas sans leurs professeurs”, in ROSSETTO, J. *Jusqu’aux rives du monde*. Paris: Striana. (livre DVD sur “Une école de l’expérience”).

³ “(...) une des réalisations psychiques les plus importantes, mais aussi les plus douloureuses de la période pubertaire: l’affranchissement de l’autorité parentale, grâce auquel seulement est créée l’opposition entre la nouvelle et l’ancienne génération, si importante pour le progrès culturel” (FREUD, 1905/1987, p. 171). Et : “Le détachement de la famille devient pour chaque adolescent une tâche que la société l’aide souvent à remplir au moyen des rites de puberté et d’initiation. On gagne l’impression qu’il s’agit là de difficultés inhérentes à tout développement psychique ; au fond, à tout développement organique également”, (FREUD, 1929/1987, p. 54-55).

Rimbaud com o matema do púbere

A frase de Rimbaud ilustra a escritura lógica do matema de nossa modernidade irônica, tão pertinente a propósito do adolescente que se pretende sempre moderno e presente, à altura da modernidade de sua pulsão, colocando em tensão o objeto a e o ideal, ou seja $a > I$ (MILLER & LAURENT, 1997). Rimbaud traduz esse momento no qual, para o pub-erre, circula em seu corpo, em seu sangue, ou seja, sua libido como fonte de uma tensão lógica entre o objeto pulsional, qualificado por Lacan de objeto a , que o impele ao exílio, e esse ideal sustentado pela função de Um pai, suporte desse ideal do eu e de uma articulação ao saber do Outro.

Esse ponto de ideal do eu é um ponto de identificação importante para o adolescente, vivido por ele ora como um ponto de chamado, ora como de rejeição (MILLER, 2000), aonde entra em função Um pai *que diz sim* à invenção e à solução – ou *ao menos um que saiba dizer sim ao elemento de novidade* que traz consigo cada adolescente, ou seja, o ponto desde onde o sujeito se sente entendido, reconhecido ou mesmo digno de ser amado e amável.

A quais invenções nos convidam os adolescentes quando a questão de Um pai se encontra cada vez mais delicada de se abordar? Cabe-nos inventar um lugar para acolher esse elemento de novidade, que leve em conta essa tensão necessária entre o que impele ao exílio e esse ideal pelo qual ele tenta ainda sustentar seu ser. Nós disso fazemos a escritura lógica do matema do adolescente (LACADÉE, 2007a): $a > I$.

Alice e Lúcia

Alice, de 15 anos, e Lúcia, de 13 anos, ilustram o enunciado de Rimbaud. Por suas tentativas de suicídio, cortando-se os pulsos, cada uma faz circular o sangue, fora de seu corpo, como se fosse para se separar dessa tensão, mas sem dizê-la. Suas mães lhes enviam a uma clínica especializada aonde se preocupam com seus comportamentos. Um tratamento antidepressivo é dado, associado a indicações comportamentalistas. Após uma outra tentativa de suicídio, eu as recebo. Cada uma, a seu modo, vem dizer como um mesmo *tipo de sintoma* tem uma função diferente como modalidade de resposta face àquilo que, da sexualidade, vem fazer “furo na verdade e no real” (LACAN, 1974/2002). É justamente com relação a esse furo que Lacan

colocou em função esse objeto *a*, que é o objeto pulsional em jogo, mas também o próprio sujeito em seu valor de objeto *a* que ele é para o Outro.

Cada uma, para além do signo de suas tentativas de suicídio, diz, em seu tratamento, o que ela não pôde dizer na clínica psiquiátrica sem transferência, a saber seu ódio pelo Outro na figura de sua mãe. Em seguida, para além desse ódio, cada uma fala de seu ódio por si mesma, como paixão do ser que a conduziu, em sua paixão de ignorância, a querer perder a vida, ou seja, a não querer saber do que estava em jogo. Esse ódio de si encontra-se ligado para cada uma àquilo que, da sexualidade, não pode se traduzir em palavras. Delicado momento no qual, como objeto *a*, esse ódio vem fazer mancha negra, vergonha, nojo de si, deixando o adolescente só e incapaz de dizer ao Outro o que se passa nele, pois não tem palavras para dizê-lo. “O suicídio é o único ato capaz de se realizar sem falha. Se ninguém disso nada sabe, é que ele procede da tomada de posição de nada saber” (LACAN, 1973/2002, p. 542).

Essa tomada de posição de nada saber, cada um a encontra no centro para o suicídio, aonde esse ódio de si não foi ouvido face ao ato singular delas. Não se soube ouvir sua parte de responsabilidade tornando-as irresponsáveis. Privilegiavam-se seus pensamentos, ensinando-as a eliminar seus pensamentos negros, no lugar de ajudar cada uma a traduzir essa *mancha negra*, a parte do ser incluída em sua própria palavra.

Numa clínica analítica sob transferência, o suicídio é visto a partir de uma tomada de posição, a de uma decisão do sujeito, de uma responsabilidade que ele tomou, mesmo sem conhecer suas causas, que são aquelas de sua crise devida a um “estranho sofrimento”. Essa tomada de posição é de oferecer ao sujeito a escolha de superar seu sofrimento afim de extrair a paixão de ignorância que o conduz a pensar no suicídio para evitar um saber, para se separar de um excesso de sofrimento e de sensações indizíveis ligadas ao que não se deixa traduzir em palavras.

Do que não se pode traduzir ao laço a estabelecer

Qual é esse excedente de gozo ao qual o sujeito se consagra e que o deixa em pane quanto à “tradução em imagens verbais” (FREUD, 1956, p. 145), ao mesmo tempo que o confronta a seus sofrimentos modernos? O adolescente é sempre moderno em razão do fato desse *Despertar* das pulsões, que o leva a querer viver sua verdadeira vida na recusa irônica e provocante do saber do Outro, considerado demasiado velho ou

desprovido de autenticidade – ainda mais que nenhum saber do Outro pode lhe dizer o que ele tem de fazer em seu encontro com o Outro sexo.

É de fato o tempo lógico típico e necessário “em função de um laço a estabelecer da maturação do objeto *a*” (LACAN, 1963-63/2004, p. 300). Para a psicanálise, é desse objeto *a* – que ele muito bem é – que o sujeito toma a palavra e é falado. No seminário sobre a angústia, Lacan diz que “ali onde você diz *eu*, é ali, propriamente falando, que, no nível do inconsciente, situa-se *a*” (LACAN, 1962-63/2004, p. 122). É nesse preciso momento que o adolescente entra em crise da articulação da linguagem e arrisca seu *eu*. A psicanálise oferece a Alice e a Lúcia *um lugar e um laço* no qual pode se estabelecer essa maturação do objeto *a*, ao traduzir seu ódio pelo Outro em ódio por si que visa a parte inominável de seu ser. Essa maturação somente se faz ao isolar para cada uma a relação do sujeito para com o real, e não pode se elaborar senão sob transferência.

A crise da língua articulada

Essa crise da articulação da linguagem ao Outro do saber, no sentido em que ele busca algo com o qual se articular, situa-se no nível da falha de tradução de um furo no real. É o momento de todos os perigos. Ele tenta alcançar a língua única da sensação imediata que se joga ou se jogava no mais próximo do corpo, tomando o risco de uma nova enunciação. Por se articular mais à sensação imediata do que ao significante do Saber do Outro, o adolescente é aquele que ali se instala, no lugar do Saber, a invenção única da verdade imediata de seu *ser de objeto a*, e a verdade de seu ato. Seu corpo, enquanto lugar único de sua identidade e do desencadeamento da verdade de suas pulsões, invade assim a frente da cena.

O corpo pode chegar a obturar o ponto de real que constitui o furo no saber e perturbar o comportamento do sujeito. Há como uma necessidade para alguns de correr riscos ou escolher práticas de ruptura que colocam em curto-circuito sua relação com o Outro, para se separar desse gozo em demasia. Isso pode ir do insulto ao comportamento desrespeitoso, da auto-mutilação ou da escarificação até a passagem ao ato do suicida. Mas ele pode também, para recuperar o que ele vive como uma falha de gozo, escolher a via de se correlacionar a objetos de gozo ofertados em profusão em nosso mundo moderno, o qual se deu conta do uso que pode fazer do desarvorio dos

jovens. Esses sinais de sofrimento representam paradoxalmente uma última tentativa de inscrição num laço social.

Comportamento ou pantomima

Seguindo Lacan, consideramos cada distúrbio do comportamento ou TS como ponto de finalização de uma “pantomima” (LACAN, 1968, p. 451), elevado à dignidade de fato derivando de um dizer. Há ali um texto único na espera de ser lido, que nos é desconhecido, e que deve ser produzido para e por cada sujeito. Ao supor ao sujeito um texto que expõe sua conduta como uma pantomima, sustentamos a importância do dizer, no sentido em que *todo ato tem lugar de um dizer*.

Freud, através de sua formidável invenção da associação livre que convida o sujeito do dizer, e não o do pensamento, permite que tudo, numa análise, torne-se único, posto que deriva do dizer. Lacan, de uma maneira provocativa, diz que numa análise, “dispensa-se o sujeito” (LACAN, 1968-69/2006, p. 68), aquele do pensamento, para que surja a verdade indizível mas em espera. O único em cada sujeito se estabelece graças ao socorro do discurso do analista, a partir de duas referências essenciais ao sujeito: o dizer e o real. É a única maneira para que cada um saiba melhor se virar com o real em jogo para ele nessa crise que pode lhe conduzir ao pior.

É nessa clínica sob transferência (MILLER, 1984, p. 142) que se oferece a cada adolescente a possibilidade de construir o que está em jogo na gramática pulsional de seu presente. O adolescente tem a tarefa de *encontrar uma língua* para se dizer ao Outro, dever ético de bem dizer o que faz seu sofrimento, seja ele na forma do em demasia ou da falha de gozo.

Eu em pressa de encontrar o lugar e a fórmula

“Chegamos aos meses de amor” (RIMBAUD, 1991, p. 73), declara Rimbaud aos dezessete anos de idade, idade “das esperanças” e “das quimeras, como se diz”, idade também de uma revolta cuja lógica o conduz ao exílio, primeiramente de sua infância e depois de sua língua materna, para dizer suas “crenças, suas experiências, suas Sensações”. Se o poeta, da posição de exceção que foi a sua, soube melhor que ninguém captar-lhe a acuidade, a idade dos “meses de amor” é sempre a idade da adolescência, e é sempre nesse limiar que cabe ao adolescente a tarefa de encontrar um

novo objeto e de inventar um novo laço social aonde abrigar seu futuro. Separar-se do meio familiar, escolher um outro lugar e eleger novos objetos são as conseqüências desse tempo lógico. O amor que ele deve fazer, como o diz a língua comum, coloca o encontro no caminho de seu desejo e o conduz a se distinguir da criança que antes fora.

Para Lacan, essa fábrica do amor não ocorre senão a partir do que se joga nesse lugar do corpo, na medida em que ele dá justamente abrigo ao inconsciente. Esse lugar desde então pode conduzir o sujeito ao exílio interior face ao sentimento de vergonha ou de pudor que lhe torna “sua verdadeira vida” mais difícil.

No final de seu poema “Vagabundos”, Rimbaud nos dá a frase princeps da adolescência: “Eu em pressa de encontrar o lugar e a fórmula”. Assim ele decide que a verdadeira vida está alhures, primeiramente na essência da escritura, ali onde ele “fustiga freneticamente a língua”, depois no exílio de sua pátria, sempre em busca de “encontrar uma língua” diversa de sua língua materna, língua ocidental que o entediava por encontrar o repouso em seu pensamento e “um novo amor”. Inventar uma nova língua para um novo corpo, uma língua comum à comunidade que ele busca, apresenta-se para o adolescente como uma tarefa essencial – a de se separar do que faz mancha no quadro da infância. Rimbaud demonstra como ele soube tomar, na língua, o que do adolescente podia se conjugar a *essa mancha negra*, a “esse élan absurdo do corpo e da alma” (CHAR, 1966), a “essa pureza na lama” (FONDANE, 1933, p. 67) que humaniza o ser humano e da qual Lacan fará seu objeto *a* – objeto causa do desejo mas também miséria do sujeito.

A entrada nos “meses de amor” não ocorre sem emoção e a idade das esperanças pode desesperar por não se conciliar com a parte do sonho aonde o objeto tão cobiçado havia aparecido. A estação da primavera pode ser a do inferno, nos diz o poeta. Momento de desarvoro, *desse sofrimento sempre moderno* de ter que se conjugar ao tempo presente da pulsão. Ali onde o verbo do Outro não pode mais velar o indizível, surge o desarvoro diante do objeto inominável. Donde se explica, para alguns, a recusa da língua do Outro e a denúncia desse Outro – o adolescente acusa o Outro por não lhe dizer o que ele mesmo não pode enunciar. Esse “em demasia” de sensações do corpo que o adolescente experimenta e que busca limitar ou inscrever nos riscos que corre ou nas marcas que se infringe. Alice e Lúcia ilustram como essa transição as faz entrar num tempo de incerteza quanto à identificação da qual elas sofrem e pela qual esperam.

Alice e a tarefa de bem dizer o ódio de si

Com a oferta do psicanalista, Alice se engaja na tarefa de bem dizer, não sua tentativa de suicídio, mas o que, de sua paixão da ignorância, veio fazer mancha no quadro de sua infância e a conduziu a uma certa errância subjetiva. Ela não sabe do que falar, é ali precisamente que está em jogo a pertinência da oferta da psicanálise: aqui se pode falar do que não se sabe. *Ela encontra alguém que lhe ofereça vir lhe falar, ao passo que não encontrou ninguém quando se cortou os pulsos.* É de “não saber o que dizer” que o sujeito encontrará o que, nele, ali se encontra em estado de espera, essa parte do ser que se joga no silêncio da pulsão de morte – única em cada caso. Essa carta em espera, que Lacan também nomeou objeto *a*, vem fazer mancha, donde o sentimento de vergonha, de nojo, de ódio de si, impelindo ao suicídio. A análise é um lugar de endereçamento em que cada um pode vir alojar o mais insuportável de seu ser, ligado ao mais estrangeiro. Pelo fato de a ela se endereçar, cada um encontra sua chance inventiva de saber criar, para além da paixão da ignorância, sua transferência singular sobre a presença do analista que oferece a via para um novo amor a se inventar, nascido do ódio colocado no lugar certo.

A TS de Alice é para nós o sinal de uma passagem ao ato que se seguiu a seu “estranho sofrimento” de se ver grávida com 15 anos, testemunha de sua errância. Alice faz a experiência de poder tudo dizer ao analista: ela pode falar de seu ódio, pois, ali, ela não teme dizer o que faz sofrer sua mãe. Ela se decide então a dizer como, a partir de *suas confusões do amor e do desejo*, surge o ódio, esse avesso indizível e lúcido do amor que provoca a passagem ao ato: “Minha mãe me enche a paciência, desde que ela fala, ela me confunde [...] ela me enche [...] empanturrada demais, tenho vergonha, tenho ódio”.

A cada noite, ela vê desfilar as “manchas negras” de sua vida de jovem, o que a impede de adormecer: “Hoje não consigo saber se é amor ou ódio que sinto por esse cara que me engravidou, em todo caso não quero mais vê-lo”. Ela interroga, em seu tratamento, o que ela calou no momento do aborto como consequência lógica de uma passagem ao ato: fazer amor demasiado cedo, como solução a um sofrimento cujo signo é encontrar-se grávida. Durante seu Despertar da primavera, sua sexualidade veio fazer-lhe furo no real. Ela se encontra tomada por sua sexualidade que a envia a sua posição de objeto *a* largado pelo Outro sem nenhum apoio sobre esse ponto de ideal do

eu calculado sobre a função paterna. Então, ela se encontra diante de um sentimento de vergonha e nojo de si.

Alice considera seu aborto como um fato: “Eu me dizia: não tem importância, mas agora eu sei bem que isso sinaliza o fato de que eu não tinha ninguém a quem me referir, é por isso que desde a morte de meu pai, eu sempre me senti estranha. [...] Eu não soube expulsar o ódio que eu tinha com relação a mim. Eu sei bem que esse aborto está ligado ao fato de que meu pai morreu quando eu tinha 8 anos, eu tinha ódio de não ter pai, num momento que eu precisava ter um homem sobre quem me repousar e é por isso que fiquei grávida aos 15 anos, de meu namorado de 19 anos que eu amava muito”.

Assim, na falta de um *ponto de onde*, ponto de ideal do eu, relacionado ao fato da morte do pai, ela se alivia de seu ser de objeto deixado para lá correlacionando-se a um outro imaginário numa busca de amor. O enquadre da associação livre, que colocou em cena esse *ponto de onde*, ofereceu a Alice um lugar para que seu sofrimento, seu ódio de si indizível no discurso corrente, encontrasse uma tradução diversa da passagem ao ato.

Lúcia e sua fuga

Enquanto sua mãe se angustia por sua tentativa de suicídio, Lúcia se pergunta pelo que a teria levado, aos 13 anos, a sair de sua casa, no meio da noite. Lúcia descreve minuciosamente sua fuga e abre uma nova via, ao modo da negação: “Eu não gosto de falar de coisas de meninas”. É o não saber incluído em sua fuga – não saber no qual se mantém o sujeito do dizer – que ela vai decifrar em seu tratamento. “Eu saí de casa porque minha mãe não parava de me encher”. Uma noite, sua mãe ao vê-la fazendo hora em frente à televisão, diante do programa “Loft Story”, disse-lhe: “Vá dormir! É tarde e é hora de ir para a cama!, acrescentando que ela também queria dormir, pois Paulo, seu novo companheiro, estava cansado. “Eles se deitaram, relata Lúcia, e ali, em vez de dormir, começaram a fazer ruídos, era insuportável, eu ouvia minha mãe gemer. Eu me levantei e vi minha irmã, que estava com febre e dormia de olhos abertos. Eu não sei o que me deu, eu saí de casa de pijama às duas horas da manhã”. Lúcia diz ter se sentido traída, abandonada, “largada para lá”, depois se viu tomada de ódio por sua mãe: “Eu queria ir ver um juiz de menores, pois é repugnante fazer amor diante de seus filhos”.

O encontro com a rosto de sua irmã de olhos abertos faz com que ela se choque com algo insuportável, o “impossível de se olhar” que a olha, e a impele à fuga. O objeto olhar a joga para fora da cena do desejo do Outro, identificando-a ao objeto já expelido. Ela se sente reduzida a ser esse objeto em demasia, do qual não pode se separar e que a faz sair da cena. A fuga está do lado do ato único, aquele que se produz quando o sujeito se encontra na maior dificuldade, diante de um ponto de real insuportável: “[...] com a adição comportamental da emoção como desordem do comportamento. É então que, dali onde ele está [...] ele se precipita e balança para fora da cena” (LACAN, 1962-63/2004, p. 136). É somente após se ver na rua de pijama, e após lhe terem perguntado pelo que estava ali fazendo, que Lúcia se ouviu dizer: “Eu quero ir para a casa de meu pai”. O pai se revela ser a encarnação do *ponto desde onde* Lúcia podia ainda se ver como a filhinha aos cuidados do Outro.

Incapaz de se separar desse ruído, e tomada por esse excesso de gozo ouvido, ela vive esse momento como uma recusa da filhinha que era e se afronta a um furo no saber concernente à sexualidade. Foi preciso todo um trajeto de análise para que essa jovem se dê conta que seu exílio era a consequência do despertar de sua própria sexualidade, o que a impelia a assistir “Loft Story”. No olhar angustiante de sua irmã, ela reconheceu então o que nela se destacava da criança adormecida para tornar-se aquela que se desperta e deve se tornar responsável pela causa de seu desejo.

Em seu tratamento, ela primeiramente trata desse ponto de angústia através da acusação e da culpabilidade por não ter salvo sua irmã, para em seguida perceber que ela sempre lhe quis mal. Assim Lúcia trata primeiramente o ódio pelo Outro, mãe depois pai, mediante uma série de *acting-out*, colocando em cena situações limite, para fazer surgir no Outro a voz obscena, o objeto suporte do ódio pelo outro. Ela verifica assim que é recusada em todo lugar⁴ e o atualiza na transferência. Ela aí encontra um ponto de silêncio e faz a prova da impossibilidade de fazer o Outro, que não existe, suportar esse ódio de si que a impele a fugir para seu pai.

⁴ “Qu’est-ce qu’on appelle la fugue [...] si ce n’est cette sortie de la scène, ce départ vagabond dans le monde pur où le sujet part à la recherche, à la rencontre, de quelque chose de rejeté, de refusé partout” (LACAN, 1962-63/2004, p. 137).

Um lugar a se inventar

A psicanálise oferece esse lugar capaz de acolher esse desregramento, dando-lhe abrigo num laço social inédito, em que a palavra do sujeito encontra o auxílio necessário para conter a parte do gozo em demasia. A língua buscada pela adolescente pode, se soubermos ressuscitar seu gosto pelas palavras, permitir-lhe traduzir essa parte de excitação que a exilou de sua infância. A adolescência é o que vem fazer “sintoma da puberdade” (STEVENS, 1998). É também o tempo da criação, da arte, tempo em que o sujeito tenta encontrar aquilo que de seu ser pode se traduzir a seu modo. Cabe-nos estar atentos a isso para que esse sujeito, se pensa estar reduzido a fazer “mancha no quadro”, não escolha se apagar. A decifração e a tradução não poderão tudo dizer do indizível ao qual a irrupção do sexual confronta o sujeito. A oferta do tratamento da palavra deixa a cada um a responsabilidade de nomear a parte de indizível que lhe cabe e que faz sintoma. O adolescente busca um local terceiro aonde poderá encontrar esse lugar desde onde ele poderá lançar o véu sobre o indizível em jogo. Um lugar que pode estar interdito, mas que, justamente, deve se interdizer a muitos entre amigos.

Cada um, como Alice e Lúcia, pode encontrar “o caroço” de sua vida, qual seja esse real que a impele ao ato. O mais importante é dar lugar a esse osso para que o adolescente possa dele dizer algo de si, de sua ficção, e “prosseguir seu próprio empreendimento de tradução segundo sua própria via” (LACADÉE, 2007a, p. 99), sem se perder. O mais importante é que alguém permaneça assentado a seu lado, atento, e ofereça esse *ponto desde onde*, quando a vida é áspera, se ver como um objeto suficientemente precioso e considerado para que a tentativa de suicídio não seja o único modo de fazer apelo ao Outro.

A tarefa de bem dizer a partir de um *ponto desde onde*

Colocando-se pela oferta do analista e pela invenção da associação livre na tarefa de bem dizer seu sofrimento, o adolescente elucida então por si próprio, de um outro modo, o enigma de sua existência. Ele lhe dá uma chance inventiva de encontrar seu lugar de elaboração ao longo de suas associações e renúncia de gozo, e a suporta do *ponto desde onde* esse lugar lhe aparece novo por ter sido dito e inventado na experiência do tratamento. Cada um pode desse modo alojar uma parte de seu exílio sem se exilar ele próprio de modo radical. Saber se aproximar dessa língua adolescente,

aproximar-se desse gosto pelas palavras tão próximas do corpo, convidar-se a sua mesa, eis o que nos parece necessário para que o despertar não se readormeça e possa ir ao espírito.

O poder da palavra encontrada numa análise intervém no coração do gozo do sujeito adolescente para enquadrá-lo ou mesmo modificá-lo no momento em que ele pode arriscar-se a encontrar no agir uma maneira de fazer ouvir seu sofrimento. Para isso é necessário que o analista saiba se deixar utilizar com prudência até saber ouvir o ódio de si que impele ao pior. Afim de dar uma interpretação decisiva a separa o sujeito de seu sofrimento, é preciso que ele tenha percebido o momento aonde, na transferência, ele se encontra no lugar de *semblant* de objeto *a*. A análise não é apenas o tratamento de palavra, simples *busca de sentido*; ela é também o que oferece a chance de um poder separador entre esse valor do objeto *a* e de Um pai, tão bem enunciada na frase de Rimbaud. Tal é a tensão do poder da palavra na maneira em que cada sujeito vai utilizar seu analista como objeto silencioso que não predica e que, para além do *ponto desde onde*, para além do ideal do eu, elabora a via silenciosa para que se estabeleça, na transferência, um enlace ao objeto *a*. Novo enlace a se inventar, do lado do sujeito, mas não sem apoio de um *ponto desde onde* cada um saberá inventar sua justa medida diante do real. É aqui que nos agrada ter preferido convidar a invenção do poeta no lugar do cálculo frio do avaliador.

Referências Bibliográficas

CHAR, R. (1966) *Fureur et mystères*. Paris: Gallimard.

FONDANE, B. (1933) *Rimbaud le voyou*. Paris: Denoël et Steele.

FREUD, S. (1905/1987) *Trois essais sur la théorie sexuelle*. Paris: Gallimard.

_____. (1929/1994) *Malaise dans la civilisation*. Paris: PUF.

_____. (1956) “Lettre à Fliess, n° 46”, in *Naissance de la psychanalyse*. Paris: PUF.

LACADÉE, P. (2007a) *L'Éveil et l'exil*. Paris: Cécile Default.

_____. (2007b) “Des adolescents au collège pas sans leurs professeurs”, in ROSSETTO, J. *Jusqu'aux rives du monde*. Paris: Striana. (livre DVD sur “Une école de l'expérience”).

LACAN, J. (1962-63/2004) *Le Séminaire, livre 10: L'angoisse*. Paris: Seuil.

_____. (1968) “La psychanalyse et son enseignement”, in *Écrits*. Paris: Seuil.

- _____. (1968-69/2006) *Le Séminaire, livre 16: D'un Autre à l'autre*. Paris: Seuil.
- _____. (1973/2002) "Télévision", in *Autres écrits*. Paris: Seuil.
- _____. (1974/2002) "Préface à L'Éveil du printemps", in *Autres écrits*. Paris: Seuil.
- MILLER, J.-A. (1984) *Ornicar ?*, revue du Champ Freudienne, n° 29, Paris.
- _____. (2000) "Du nouveau!", in *Introduction à la lecture du Séminaire V de Jacques Lacan – Les formations de l'inconscient*. Paris: coll. dirigée par l'ECF.
- MILLER, J.-A. & LAURENT, É. (1997) "L'Autre qui n'existe pas et ses comités d'éthiques", in *La Cause freudienne*, revue de psychanalyse, n° 35, Paris.
- RIMBAUD, A. (1991) *Œuvre-vie* (Éd. du centenaire). Paris: Arléa.
- STEVENS, A. (1998) "L'adolescence symptôme de la puberté", in *Les Feuilletts du Courtil*, n° 15, Publication du Champ freudien en Belgique.
- STEVENS, A. (2001) "Sorties de l'adolescence", in *La Petite Girafe*, n° 13, Paris.
- ZWEIG, S. (1991) "Compte rendu du journal d'une adolescente", in *Essais psychanalytiques de Hermine Von Hug-Helmut*, Paris: Payot.

Recebido em 4/06/08

Aprovado em 8/07/08